

## O corpo: um enigma para a civilização

### 3.1 Civilização e dominação do corpo

A natureza com sua força e seus mistérios ameaçou significativamente o homem ao longo do processo de desenvolvimento histórico. O desejo de conhecê-la para poder dominá-la e conseqüentemente vencer o medo que ela lhe suscitava, marcou decididamente a formação da civilização. O ser humano percebeu que a fragilidade de seu corpo, parte inerente dessa mesma natureza, ao atuar de forma isolada não teria êxito para garantir melhores condições de sobrevivência e desenvolvimento da espécie.

Para sobreviver e se desenvolver, o sujeito não poderia se manter isolado e submetido à natureza, isto é, ele deveria criar meios que lhe permitissem se adaptar e se relacionar com ela de forma mais eficaz, no sentido de amenizar o poder que esse universo natural exercia sobre ele. Tal processo teve como resultado uma gradativa diferenciação do sujeito frente ao objeto – natureza.

Entre os meios que proporcionaram uma maior separação do sujeito em relação à natureza, pode-se destacar: a descoberta do fogo; a criação de instrumentos como o machado e a lança que ampliaram o potencial dos órgãos físicos do ser humano; e por último, o mais importante, a agregação de um número crescente de sujeitos formando, ao longo da história, tribos, comunidades e povos em núcleos cada vez maiores e integrados, até resultar no que chamamos de civilização.

Para os indivíduos conviverem entre si, sem que os objetivos da coletividade fossem ameaçados, o núcleo social precisou desenvolver regras de comportamentos a fim de que o prazer individual não prevalecesse sobre o interesse geral. Para Freud:

Mais uma vez, portanto, nos contentaremos em dizer que a palavra “civilização” descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem

nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e de ajustar os seus relacionamentos mútuos... Reconhecemos como culturais todas as atividades e recursos úteis aos homens, por lhes tornarem a terra proveitosa, por protegerem-nos contra a violência da natureza, e assim por diante. Em relação a esse aspecto da civilização, dificilmente pode haver qualquer dúvida. Se remontarmos suficientemente às origens, descobriremos que os primeiros atos de civilização foram a utilização de instrumentos, a obtenção do controle sobre o fogo e a construção de habitações. Entre estes, o controle sobre o fogo sobressai como uma realização extraordinária e sem precedentes, ao passo que os outros desbravaram caminhos que o homem desde então passou a seguir, e cujo estímulo pode ser facilmente percebido. Através de cada instrumento, o homem recria seus próprios órgãos, motores ou sensoriais, ou amplia os limites de seu funcionamento. (Freud, 1997, p. 41-43)

Não obstante, a ameaça de destruição não provinha apenas da natureza externa, mas também da dimensão anímica que os indivíduos traziam consigo, representada por pulsões primitivas. Segundo Freud, o prazer individual foi submetido ao controle da coletividade:

A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como “direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato de os membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições. (Freud, 1997, p. 49)

O objetivo fundamental das coletividades continuou sendo o mesmo que as levaram a se formar, ou seja, conservação, reprodução e desenvolvimento da espécie. No núcleo do processo formador da civilização, está o medo objetivo de aniquilamento frente a uma natureza enigmática e esmagadora.

As descobertas e criações – fogo; instrumentos para caça etc – do homem primitivo bem como as regras estabelecidas para controlar a convivência entre os indivíduos não foram suficientes para abolir esse medo. A gradativa diferenciação entre sujeito e natureza tornou-se fonte significativa de angústia e irrompeu uma desesperada procura de sentido para a realidade, que frequentemente extrapolava as experiências concretas dos homens na vida terrena.

Os passos decisivos para minimizar o horror frente à morte e à falta de sentido da vida foram as diversas formas de esclarecimento que acompanharam o desenvolvimento da civilização, como: magia, mito, religião, filosofia e ciência. Cada uma dessas formas teve determinadas características que resultaram em entendimentos específicos sobre o que vinha a ser a natureza e a vida humana bem como em práticas distintas para poder manipulá-las. Na *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno afirmam:

A duplicação da natureza como aparência e essência, ação e força, que torna possível tanto o mito quanto a ciência, provém do medo do homem, cuja expressão se converte na explicação. (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 29)

O corpo como elemento da natureza do próprio sujeito também precisou ser entendido e dominado. É importante levar-se em consideração, que durante a história da civilização, a compreensão dos fenômenos atrelou-se frequentemente à possibilidade de controlá-los, isto é, o fato de o esclarecimento, nas suas várias formas, ter voltado-se fundamentalmente para fins práticos não nos permite dissociá-los.

Não é o objetivo desta pesquisa fazer um levantamento histórico detalhado sobre as diversas formas que marcaram a dominação do corpo. No entanto, creio que alguns apontamentos seriam interessantes para podermos visualizar diferenças e semelhanças em relação à concepção de corpo na atualidade.

Ao longo do desenvolvimento da civilização, a relação dos homens com o corpo foi caracterizada por uma complexa ambivalência; algumas vezes considerado objeto de veneração, outras de repúdio.

Como parte inerente da natureza humana, o corpo foi objeto de controle tanto no desenvolvimento da filogênese (gênero humano) quanto da ontogênese (indivíduo). Na questão do corpo, mais uma vez aproximam-se a história do indivíduo e a história da civilização, no sentido de a repressão das pulsões ser o denominador comum.

As pulsões originam-se do corpo. Entende-se o corpo, grosso modo, como a dimensão biológica e particular do sujeito que o delimita espacialmente e temporalmente no mundo. A tensão oriunda de alguma insatisfação ou necessidade corporal gera pulsões psíquicas – representantes psíquicos de tensões somáticas – que exigem do meio externo sua eliminação mediante práticas que retirem o fator desencadeante da insatisfação. Isso, por sua vez, irá provocar outros tipos de pulsões transmitindo sensações de prazer, caso o meio atenda efetivamente essa demanda.

As fontes das primeiras sensações de prazer e desprazer experimentadas pelo homem primitivo e pela criança são predominantemente corporais. Aos poucos, com o desenvolvimento da filogênese e da ontogênese, surgem outras formas de

prazer mais complexas, não imediatamente relacionadas à satisfação de necessidades biológicas, tal como a apreciação estética que será tratada mais adiante.

Na realidade, o bebê não consegue perceber imediatamente o corpo como algo distinto do meio que o circunda. As fontes de excitações tanto externas (meio) quanto internas (corpo) são experimentadas de forma difusa. Somente aos poucos, com o desenvolvimento motor, cognitivo e a aquisição da linguagem é que se efetiva a delimitação corporal.

De maneira semelhante à filogênese, no início da infância, o prazer encontra-se amplamente vinculado a atividades que envolvem a auto-conservação do sujeito, como: sugar o seio materno para obtenção do alimento; evacuação dos resíduos alimentares não utilizados pelo organismo, estabelecimento de contatos com indivíduos próximos que garantam proteção à criança e o sentimento de ser amada.

Com raras exceções, os prazeres corporais que extrapolam a auto-conservação são precocemente reprimidos. A educação dada pelas diversas instituições sociais, entre elas a família, mostra que o prazer deve basicamente dirigir-se para atividades que tenham alguma finalidade, ou seja, que tragam algum benefício para a coletividade e portanto estejam além do prazer como um fim em si mesmo. Segundo Freud:

A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou. Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres. (Freud, 1997, p. 59)

As atividades auto-eróticas como a masturbação ou o chupar os dedos, por exemplo, são bastante combatidas durante a formação do indivíduo.

A partir disso, começam a se formar sentimentos ambivalentes em relação aos órgãos relacionados com essas práticas, isto é, aquelas partes do organismo que são dotadas de terminações nervosas altamente excitáveis e que provocam forte prazer ao serem estimuladas, tornam-se fontes de desprazer por meio das diversas formas de repressão adotadas pelos educadores, que variam desde ao “não toque nisso porque é feio e sujo”, até castigos mais cruéis, como surras e espancamentos.

Essas são formas de punição externa. Porém, segundo Freud, após a incorporação das regras e costumes sociais, temos outra forma de punição aplicada pelo próprio sujeito contra si, experimentada como sentimento de culpa.

A internalização das regras, valores e costumes sociais ditados pelos pais e educadores resultou na formação do que Freud denominou superego. Essa ins-

tância psíquica é uma espécie de juiz que julga e pune as ações cometidas pelo sujeito. É um prolongamento da autoridade exterior e opera fundamentalmente de maneira inconsciente.

A diferença principal em relação às autoridades externas é que o ato não precisa ser necessariamente praticado para que o sentimento de culpa aflore. O mero pensamento ou desejo de fazer uma coisa não permitida socialmente já é suficiente para despertar esse sentimento bem como a necessidade de punição, objetivando o acerto de contas do sujeito consigo mesmo. Referindo-se ao processo de desenvolvimento do indivíduo, Freud afirma:

Uma grande mudança só se realiza quando a autoridade é internalizada através do estabelecimento de um superego. Os fenômenos da consciência atingem então um estágio mais elevado. Na realidade, só então devemos falar de consciência ou de sentimento de culpa. Nesse ponto, também, o medo de ser descoberto se extingue; além disso, a distinção entre fazer algo mau e desejar fazê-lo desaparece inteiramente, já que nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos. (Freud, 1997, p. 85/86)

Antes dessa citação, Freud alerta para o fato de algumas pessoas não apresentarem culpa por praticarem ou pensar em praticar determinados atos. O problema para esses indivíduos está na possibilidade de serem descobertos por alguma autoridade:

Esse estado mental é chamado de “má consciência”; na realidade, porém, não merece esse nome, pois, nessa etapa, o sentimento de culpa é, claramente, apenas um medo da perda de amor, uma ansiedade “social”. Em crianças, ele nunca pode ser mais do que isso, e em muitos adultos ele só se modifica até o ponto em que o lugar do pai ou dos dois genitores é assumido pela comunidade humana mais ampla. Por conseguinte, tais pessoas habitualmente se permitem fazer qualquer coisa má que lhes prometa prazer, enquanto se sentem seguras de que a autoridade nada saberá a respeito, ou não poderá culpá-las por isso; só têm medo de serem descobertas. A sociedade atual, geralmente, vê-se obrigada a levar em conta esse estado mental. (Freud, 1997, p. 85)

Nesse ponto há uma importante diferença histórica; o que era exceção no final do século XIX e início do século XX, quando Freud elaborou a teoria psicanalítica, tornou-se regra na sociedade atual. Como será visto adiante, o sentimento de culpa resultante do conflito entre ego e superego reduziu bastante e

os indivíduos, de maneira geral, sentem-se menos culpados em experimentar os diversos tipos de situações que envolvem a obtenção do prazer.

É importante salientar que a repressão da sexualidade extrapola o prazer proveniente das práticas auto-eróticas que envolvem a estimulação direta de zonas erógenas. A curiosidade em olhar e a disposição para exhibir determinadas regiões do corpo, especialmente os órgãos genitais, também são contidas durante a formação do indivíduo e perpetua-se ao longo de sua vida.

O prazer e desprazer derivados dessas práticas são indissociáveis; olhar para aquilo que está oculto e mostrar o não permitido provoca um choque com uma cultura que interdita a expressão da sexualidade.

É difícil tentar dizer o que vem primeiro: se o prazer decorre diretamente da excitação de exhibir e observar os genitais ou se esse mesmo prazer é suscitado em consequência da interdição, ou seja, do gozo em desafiar e experimentar aquilo que é negado, escondido e camuflado pela cultura. Possivelmente ocorrem as duas coisas, ou seja, essas formas de prazer são oriundas de pulsões primárias que se intensificam pela proibição social.

### **3.2 O nu como objeto de tabus sexuais**

A proibição e os castigos frente à concretização das pulsões do olhar variam historicamente e embora sejam denominadores comuns na civilização, pode-se encontrar diferentes intensidades em sua aplicação, dependendo de como a sexualidade é concebida por determinada cultura.

Utilizo o termo pulsões do olhar para designar tanto as pulsões voyeur quanto a exibicionista, em razão de o olhar se constituir, de maneira distinta, o foco destas duas formas de prazer: o olhar como meio no voyeurismo – observar algo que chame a atenção – e o olhar como objeto no exibicionismo – mostrar algo que desperte a atenção do outro.

Talvez o melhor termo fosse pulsões da atenção, visto que nada impede que uma pessoa com deficiência visual desenvolva pulsões voyeur e exibicionista, com outras formas de manifestação que não sejam visuais. Isto também vale para sujeitos que não apresentam essa deficiência, mas que incitados por tais pulsões, sentem prazer por meio de outras formas de estímulo, não necessariamente visuais.

Exemplos disso são os sujeitos que sentem prazer em apenas escutar outras pessoas tendo relacionamento sexual ou aqueles que gostam de saber da intimidade alheia mediante as chamadas “fofocas”. Locutores também podem se gabar de sua voz possante e escritores das ideias expressas em um livro.

Para citar algumas diferenças históricas em relação ao nu, podemos citar Bologne. Segundo esse autor, os banhos públicos em termas eram uma prática comum na Roma Antiga e na Idade Média. Primeiramente esses banhos eram

tomados separadamente por homens e mulheres, mas depois surgiram os banhos mistos de que muitas pessoas se aproveitavam para namorar.

Os banhos públicos eram uma verdadeira instituição na Roma antiga. Ruínas romanas espalhadas pela Europa guardam ainda hoje resquícios das termas, espécie embrionária de sauna. Por um período, havia banhos separados para homens e para mulheres. Na época imperial, porém, surgiram os banhos mistos. Os costumes haviam se degradado. (Bologne, 2006, p. 27)

Sabe-se, por exemplo, que atualmente na Alemanha em uma determinada época do ano, os homens costumam tomar banhos nus publicamente na água gelada.

O carnaval brasileiro é uma festa popular que também oferece espaço para os indivíduos se apresentarem totalmente ou parcialmente despidos no ambiente público.

Há também outras formas permitidas para a expressão dessas pulsões em que ocorre um deslocamento da libido para outras áreas não imediatamente sexuais. Poderíamos citar vários exemplos, entre eles: a comercialização de momentos corriqueiros da intimidade pela mídia, como brigas conjugais, namoros, viagens e intrigas envolvendo indivíduos famosos ou anônimos; o culto ao corpo realizado nas academias de ginástica.

Porém, quando essas pulsões têm por objeto a nudez, a proibição cultural pode ser suficiente para contê-las em algumas formas públicas, mas por outro lado, tem aberto vários espaços para sua manifestação.

Se indivíduos com tendências ao exibicionismo não podem transitar nus pelas calçadas dos centros urbanos, não são impedidos de se despirem frente às lentes dos fotógrafos das revistas pornográficas.

Da mesma forma, indivíduos com uma maior disposição ao prazer voyeur, se não podem, em termos legais, observar a vizinha tomando banho, porém a eles é permitido ir ao cinema ou alugar um filme que contenha sujeitos nus ou tendo relacionamentos sexuais.

Como já vimos, as pulsões originam-se basicamente de tensões corporais, sejam essas relacionadas diretamente à sobrevivência, como a ingestão de alimentos, ou a necessidades mais flexíveis, como o prazer sexual, suscetíveis a transformações por meio de mecanismos psíquicos de defesa, como a sublimação.

Tensão é uma característica inerente a todo o organismo vivo. As pulsões provocadas por ela são compostas pelo ciclo desprazer – prazer, isto é, o organismo percebe o acúmulo de determinado nível de tensão como uma sensação de desprazer e a supressão como prazer.

Diante dos elementos levantados, pode-se considerar as pulsões escopofílica e exibicionista como secundárias em razão de não decorrerem diretamente e exclusivamente de necessidades biológicas.

Em última instância, essas pulsões são intensificadas pela densa cortina tecida por uma cultura que ao ocultar os órgãos sexuais, provoca a manifestação do intenso desejo humano de conhecimento, convertendo algo tão próximo e comum, como os genitais, em um objeto místico. Para Rickles, essa questão mágica presente na exibição dos genitais remonta a épocas remotas:

Uma das características mais notáveis e dramáticas do exibicionismo patológico tal como ele hoje se manifesta é a aura de significado místico e mágico em que o exibicionista frequentemente reveste seu próprio ato. Ele parece algumas vezes, dentro de sua própria mente, elevar seu gesto de exibição para o nível de um ritual religioso em que expõe simbolicamente seu corpo nu e particularmente seu órgão genital como objeto de reverência. Sem dúvidas, essa atitude está baseada em um elemento filogenético no sentido de que o falo tem sido reverenciado e considerado como fonte de poder mágico desde a origem do homem.<sup>1</sup> (Rickles, 1950, p. 7)

Cabe mencionar que esse autor analisa fundamentalmente a dimensão sexual desse fenômeno, baseada nas classificações médicas. Quando pensamos em outras formas de expressão das pulsões do olhar, surgem novas dimensões que devem ser consideradas, como a busca do conhecimento e a apreciação estética.

Além da pulsão voyeur, de maneira distinta, a pulsão exibicionista também gera conhecimento, pois, quando o sujeito se exhibe para o outro, como se estivesse diante de um espelho, ele espera conhecer-se mediante as reações, que podem ser de admiração ou de espanto, provocadas no outro.

Se a livre expressão dos genitais fosse permitida, talvez resultasse numa significativa redução do desejo de vê-los e mostrá-los, mas não sua eliminação, pois, tratam-se de órgãos com grande capacidade de excitação. Diante disso, um dos motivos de terem sido criadas regras sociais para ocultar a genitália por meio do uso de vestes foi a vergonha que ela suscitava.

Com a ocultação dos genitais temos uma antecipação da defesa frente ao prazer sexual. Na realidade, como já foi dito anteriormente, o que está em jogo não são os órgãos sexuais em si, mas sim ao que eles remetem e tão obstinadamente a sociedade tenta manter sob controle: o prazer sexual.

No texto *Los tabus sexuales y el derecho hoy*, Adorno levanta vários elementos que desmantelam a apologia da liberdade sexual feita pela indústria cultural, entre eles: a perseguição às prostitutas e o preconceito contra os homossexuais.

Também pode-se citar o asco que o nu ainda provoca no mundo atual. A persistência dos tabus sexuais nos permite afirmar que a repressão do sexo ainda

---

1 As traduções dos textos em outros idiomas foram realizadas pelo autor deste livro.

continua existindo na sociedade contemporânea, atuando de diferentes formas, principalmente como liberdade aparente:

Não cabe senão responder que a liberdade sexual, na sociedade atual, não passa de pura aparência. O que se tem produzido a seu respeito é o que a sociologia, em outro contexto, denomina, com uma expressão preferida, uma integração; algo semelhante a como a sociedade burguesa dominou a ameaça do proletariado, ao incorporá-lo... O sexo, deformado e modificado, oprimido com imposições e explorado de mil maneiras pela indústria material e cultural, é digerido, institucionalizado, administrado pela sociedade, em conformidade com sua manipulação. Somente enquanto está submetido ele é permitido. (Adorno, 1969, p. 92)

Por detrás de toda essa liberalização, os tabus relativos à exposição dos genitais mostra o quanto a sexualidade ainda é vista com “maus olhos” pela sociedade. A concepção é de algo sujo e impuro que deve ser afastado do domínio público, salvo uma de suas formas resultante dessa integração da sexualidade, a saber: a pornografia explorada exaustivamente pela indústria cultural.

Essa é uma importante diferença se compararmos a exploração do prazer sexual existente na atualidade com épocas pretéritas em que o sexo pertencia quase que exclusivamente ao mundo privado. Com a indústria da cultura, o sexo também começou a fazer parte da esfera pública, só que como meio de entretenimento, perdendo assim sua seriedade característica. Para Adorno:

Falar de tabus sexuais soa algo anacrônico, numa época em que toda moça que se tornou independente materialmente de seus pais, tem seu amante; em uma época em que os meios de massa empregados pela propaganda, para ofensa de seus opositores partidários de uma restauração, provocam incansavelmente excitação sexual, e naquilo que os norte-americanos chamam de uma vida sexual saudável, uma vida sexual sã, forma parte, por assim dizer, da higiene física e psíquica. O tema está subordinado a uma espécie de moral da diversão, *funmorality*, segundo a graciosa expressão dos sociólogos Wolfenstein e Leites. (Adorno, 1969, p. 92)

Ninguém poderia afirmar que não se fala, não se mostra ou não se faz sexo com grande frequência na atualidade. Fala-se, mostra-se e faz. Nesse ponto os tabus sexuais perderam sua força. No entanto, a questão é de como tais comportamentos se realizam. E aqui temos duas maneiras que denunciam o quanto o sexo ainda perturba a sociedade e necessita ser dominado.

Em primeiro lugar, temos a presença de uma frieza cadavérica quando ele é tratado pelos diversos meios educativos. As fantasias e idealizações são substituídas por um discurso mecanicista que reduz significativamente a possibilidade de existência do encanto nos relacionamentos amorosos.

Um dos exemplos disso é o discurso em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis em que o ritual higiênico deve prevalecer sobre os contatos efetivamente íntimos.

Em segundo lugar, a necessidade de diversos temas sexuais serem tratados sob a forma de piadas para poderem ser expressos e com isso dar vazão a um tipo de agressividade inconsciente acumulada. Agressividade essa decorrente em parte da própria repressão de ideias vinculadas às pulsões com as quais a cultura, na maioria das vezes, não colabora para canalizá-las de forma racional, contribuindo assim para a formação de diversos tipos de preconceitos e tabus relacionados à sexualidade.

A maioria das piadas e xingamentos por meio dos quais os indivíduos descarregam as pulsões é marcada por uma hostilidade frente à sexualidade. As palavras chamadas obscenas geralmente dirigem-se aos genitais de forma pejorativa e vil.

Caberia a pergunta sobre o porquê da persistência de impedimentos sociais para o desenvolvimento de uma autêntica liberdade sexual se considerarmos a riqueza material acumulada que poderia amenizar o tempo gasto com o trabalho e consequentemente permitir a realização de atividades que estivessem mais voltadas ao prazer como um fim em si mesmo. Entre elas estaria o próprio sexo com maior grau de liberdade, sem a constante atuação de mecanismos repressivos anacrônicos.

Como Adorno bem afirma: “É impossível pensar, em uma sociedade não livre, na liberdade sexual, assim como em nenhuma outra liberdade” (Adorno, 1969, p. 94).

Não poderíamos de fato esperar encontrar liberdade sexual em uma sociedade não livre, isto é, marcada pela exploração de poucos sobre muitos. O interesse da classe dominante é de que as coisas permaneçam como estão. Caberia também pensar se esses poucos indivíduos que detêm o poder possuem de fato um maior grau de liberdade sexual se comparados aos demais. Resposta essa que possivelmente seria negativa.

Outro fato que explicita o cativeiro social e sexual dos indivíduos no mundo atual é a própria escolha do objeto amoroso. Pelo que podemos notar, apesar de todo discurso otimista frente ao desmoronamento de fronteiras culturais propiciadas pelo processo de globalização do mundo neoliberal, a sociedade ainda continua dividida em classes.

As diferenças entre as classes sociais, principalmente em termos econômicos, continuam marcantes e dificultam o estabelecimento de relações afetivas entre seus membros. Os ambientes frequentados pelos indivíduos ficam geralmente

restritos ao seu poder econômico e conseqüentemente limitam os contatos sociais estabelecidos. Em uma sociedade com maior liberdade, tais contatos poderiam ser bem mais abrangentes.

A integração do sexo na sociedade contemporânea que o transformou, conforme Adorno menciona, em uma variação do esporte, neutralizou seu potencial de fornecer ao ser humano um prazer autêntico.

A energia psíquica que deveria ser canalizada para a efetivação desse prazer, com maior liberdade frente às amarras repressivas, é mantida à disposição da sociedade para ser empregada na produção e no consumo.

O capitalismo necessita da libido dos indivíduos para poder se perpetuar. Se por um lado, o trabalho é frequentemente experimentado como fonte de desprazer pelo indivíduo e, nesse ponto, a sociedade capitalista não faz qualquer empenho para camuflar os infortúnios relacionados ao labor, por outro lado, no âmbito do consumo, a propaganda apresenta a aquisição dos mais variados produtos como fonte máxima de prazer.

Os indivíduos são persuadidos a acreditar que o autêntico prazer provém do consumo, funcionando como uma espécie de anestésico para que eles se adaptem da melhor maneira possível às condições – via de regra – degradantes envolvidas no trabalho.

O capitalismo está muito além de determinar apenas as relações econômicas; ele cria uma ilusão social mediante a indústria cultural e trai os indivíduos ao não cumprir efetivamente a promessa de felicidade enunciada. Nas palavras de Horkheimer e Adorno:

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. (Horkheimer & Adorno, 1985, pp. 130/131)

Para expandir constantemente o ciclo produção – consumo e gerar lucros exorbitantes, a lógica do sistema capitalista precisa em um primeiro momento produzir certos anseios no indivíduo para depois convencê-lo, por meio da propaganda, que os produtos oferecidos lhe trarão felicidade. Como esse prazer é fugaz, o indivíduo sente uma ansiedade de consumir cada vez mais para assim tentar suprir o vazio subjetivo.

É importante lembrar que para Adorno, o indivíduo não é passivo nessa relação com a indústria cultural. Não há um grande esforço por parte dela para

disfarçar o engodo presente nas suas produções, isto é, o fato de na realidade serem bem menos daquilo que pretendem ser. Para esse autor:

A ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no logro, como se diz, desde que isso lhe dê uma satisfação por mais fugaz que seja, como também desejam essa impostura que eles próprios entrevem; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de autodesprezo, aquilo que lhes ocorre e do qual sabem porque é fabricado. Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem a satisfações que, na realidade, não o são. (Adorno, 1971, p. 292)

Esse é o paradoxo da indústria cultural: parece que quanto mais evidente é a sua mentira, com maior tenacidade os indivíduos se apegam.

No entanto, em decorrência da precária situação econômica em que grande parte dos indivíduos se encontra, na maioria das vezes eles se esforçam mais para evitar o desprazer, isto é, realizam atividades voltadas fundamentalmente para a garantia da sobrevivência.

As novas formas de manifestação da sexualidade na sociedade contemporânea não aboliram as proibições sociais de observação e exibição pública dos genitais. Essa questão é importante e merece ser examinada mais detidamente.

Marcuse (1979) chama de liberalização sexual os mecanismos repressivos presentes nessa sociedade, ou seja, uma liberdade heterônoma, controlada e administrada pela sociedade. Sem dúvida que com tal liberalização, o nu ficou muito mais fácil de ser visto ou exibido por meio dos inúmeros produtos comercializados que exploram as diversas formas de pré-prazer, entre elas, as pulsões escopofílicas e exibicionistas.

Em relação ao aspecto comercial da exploração dessas pulsões, frisa-se uma diferença entre os prazeres de olhar e exhibir-se. Enquanto, via de regra, no primeiro caso os indivíduos gastam dinheiro para experimentarem essa forma de prazer – seja comprando produtos do gênero ou assistindo algum show – no segundo caso, os sujeitos frequentemente recebem para mostrar o seu corpo.

Na indústria pornográfica, o exibicionismo e o voyeurismo assumem posições distintas. Sem dúvida, nessa forma de expressão do voyeurismo, o que está em jogo é essencialmente o prazer de olhar.

Contudo nesse tipo de exibicionismo, vamos chamá-lo de comercial, o fato de o corpo ter se tornado um produto lucrativo na sociedade atual em que determinados indivíduos fazem disso a sua profissão, dificulta o estabelecimento dos limites entre o prazer em si, relacionado à exibição corporal, e aquele mais voltado para o aspecto financeiro.

Analisar a existência ou não dessa distinção seria importante, mas como não é esse o objetivo deste trabalho, contentamo-nos apenas em apontá-la.

### **3.3 Dialética no uso de vestes: repressão e erotismo**

Para se compreender a constituição das pulsões voyeur e exibicionista bem como os tabus levantados ao longo da história a fim de contê-las, é necessário analisar detidamente seus fundamentos, ou seja, os diversos elementos determinantes do desenvolvimento da sexualidade humana. Como sustentamos a concepção de que há uma aproximação entre ontogênese e filogênese, nos remeteremos frequentemente aos primórdios da formação da civilização. Segundo Freud:

O processo da civilização da espécie humana é, naturalmente, uma abstração de ordem mais elevada do que a do desenvolvimento do indivíduo, sendo, portanto, de mais difícil apreensão em termos concretos; tampouco devemos perseguir as analogias a um extremo obsessivo. Contudo, diante da semelhança entre os objetivos dos dois processos – num dos casos, a integração de um indivíduo isolado num grupo humano; no outro, a criação de um grupo unificado a partir de muitos indivíduos -, não podemos surpreender-nos com a similaridade entre os meios empregados e os fenômenos resultantes. (Freud, 1997, p. 104)

O dogma do pecado original descrito no livro do Gênesis pode ser um ponto importante para o entendimento da concepção do corpo impuro, isto é, como algo que não poderia ser mostrado, visto e ainda menos tocado. Segundo esse livro, enquanto Eva não havia sido tentada pela serpente, a nudez não era motivo de vergonha, conforme podemos depreender da seguinte passagem:

Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam. (Gênesis, 1993, p. 4)

Adão e Eva somente terão vergonha de sua nudez após comerem o fruto proibido da árvore localizada no jardim do Éden. A partir disso, a nudez começa a se constituir como um problema.

A mulher viu que a árvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter conhecimento. Aí apanhou uma

fruta e comeu; e deu ao seu marido,<sup>2</sup> e ele também comeu. Nesse momento os olhos dos dois se abriram, e eles perceberam que estavam nus. Então costuraram umas folhas de figueiras para usar como tangas. Naquele dia, quando soprava o vento suave da tarde, o homem e a sua mulher ouviram a voz do senhor Deus, que estava passeando pelo jardim. Então se esconderam dele, no meio das árvores. Mas o senhor Deus chamou o homem e perguntou: – Onde é que você está? O homem respondeu: – Eu ouvi a tua voz, quando estavas passeando pelo jardim, e fiquei com medo porque estava nu. Por isso me escondi. Aí Deus perguntou: – E quem foi que lhe disse que você estava nu? Por acaso você comeu a fruta da árvore que eu o proibi de comer? (Gênesis, 1988, p. 3)

Dessa forma, estabeleceu-se um vínculo entre o conhecimento do bem e do mal com o fato de estar vestido ou despido. A consciência do mal adquirida ao infringir a determinação divina, levou o casal prototípico, por si mesmo, a tomar a decisão de cobrir as regiões genitais. Atitude essa que, segundo o Gênesis, posteriormente será ratificada por Deus.

Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu. Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. (Gênesis, 1993, p. 5)

Tomar da árvore da vida seria o antídoto para escapar da pena a que o Homem foi condenado por experimentar o fruto proibido, a saber: sofrimento dos mais variados gêneros, labuta para garantir a sobrevivência e por fim a morte. “No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gênesis, 1993, p. 5).

Para que a pena fosse cumprida e não tivessem acesso a árvore da vida, Adão e Eva foram lançados para fora do Éden. Diante dos objetivos deste estudo, ficaremos restritos à dimensão sexual desse mito.

Ao comer o fruto, o Homem adquiriu má consciência diante da exposição dos genitais. Essa experiência, até então desconhecida, trouxe uma conotação diferente ao nu que se tornou um elemento perturbador das relações.

Na civilização, esse processo se reproduz durante o processo de formação do indivíduo em uma dimensão maior, isto é, por intermédio das diversas instituições culturais.

---

2 Várias traduções foram consultadas, inclusive em inglês e espanhol, e todas apresentam o termo marido.

O sujeito não nasce com má consciência frente à exposição de seus órgãos genitais, mas a adquire ao longo das relações estabelecidas com seu meio social: o nu é considerado imoral e o uso de vestes pudico.

Nesse sentido, comparando com o mito, as crianças revivem a tragédia do Homem primordial; ao adquirirem a noção de imoralidade imposta a sua genitália, são de certa forma expulsas do paraíso, só que agora não mais por Deus e sim pela cultura.

A cultura transforma os órgãos sexuais, assim como as pulsões que estão vinculadas a eles, em um fardo a ser carregado pelo indivíduo durante sua existência.

Na história da civilização, diversos costumes culturais relacionados aos genitais variaram bastante em termos de hostilidade para com esses órgãos. Entre eles, citam-se: a circuncisão na religião Judaica, caracterizada pela retirada do prepúcio no momento do nascimento do varão; uso forçado de cintos de castidade em algumas mulheres européias nos séculos XVIII e XIX; retirada do clitóris em alguns países orientais de origem islâmica.

O que essas atitudes hostis frente à sexualidade têm em comum é a concepção de alguma forma de impureza dos genitais, seja em termos higiênicos, religiosos ou morais.

Porém, como os genitais possuem outras finalidades, como a reprodução e a excreção, tornam-se objetos a serem tolerados e fortemente controlados. Na realidade, para a civilização os órgãos sexuais não são malditos em si mesmos; a maldição recai fundamentalmente sobre o seu potencial para gerar prazer.

A constituição da cultura se fundamentou em grande parte no rígido controle do prazer sexual. Em *O mal-estar na civilização*, Freud lembra-nos que parte significativa dessa energia sexual é inibida em seus objetivos e utilizada na formação de laços afetivos necessários à união dos indivíduos dentro dos grupos, visando à consecução de objetivos comuns. A amizade seria um afeto inibido cuja base é de cunho sexual.

O choque que os escritos de Freud causaram na cultura de sua época, mais especificamente com a publicação da obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, foi principalmente por mostrar que, já nos primeiros anos de vida, a criança sente prazer sexual e não é aquele ser “inocente” concebido pela sociedade. Inocência aqui entendida dentro dos parâmetros culturais daquele momento histórico e ainda presente na atualidade, ou seja, como ausência de desejos sexuais.

A concepção freudiana em relação à sexualidade perverso polimórfica da criança mostrou aquilo que a sociedade, devido as suas práticas de repressão à sexualidade infantil, há muito tempo já sabia, mas que negava veemente. A Psicanálise desmascarou e colocou o dedo em uma das feridas mais profundas da civilização, a saber: o prazer sexual precoce.

O mito do Édipo e o tabu do incesto levantado a muito tempo pela civilização denuncia seu conhecimento acerca da sexualidade infantil. Se se criou um tabu social tão poderoso é porque certamente existia a ciência ou pelo menos a suspeita de algo não menos forte a ser controlado.

A castração acompanhou a civilização desde os tempos primordiais e sua atuação se estendeu para além da repressão das pulsões básicas – *Eros e Tanatos* – englobando também algumas pulsões parciais. A mera visão e exibição dos órgãos sexuais tornaram-se ameaças potenciais à ordem cultural, em razão de tais condutas poderem irromper o desejo proibido.

Em consequência, sendo os genitais uma das principais fontes do desejo e também os meios para poder suprimi-lo temporariamente mediante práticas de satisfação direcionadas aos objetos de amor ou ao próprio sujeito, foram condenados a permanecerem escondidos, longe do âmbito público e frequentemente do privado também.

No fundo, a ideia presente seria a de cortar o mal pela raiz. Segundo a historiadora Del Priore, no século XIX, a repulsão ao nu se apresentou de maneira intensificada:

No século XIX, a repressão sexual se acentua. O quarto do casal, espaço onde se entrincheirava a sexualidade conjugal, devia ser um santuário; a cama, o altar onde se celebrava a reprodução... Os corpos estavam sempre cobertos e há registros orais de camisolas e calçolas com furos na altura da vagina. A nudez completa só começa a ser praticada no início do século XX; antes estava associada ao sexo no bordel. Tudo era proibido. Fazia-se amor no escuro, sem que o homem se importasse com o prazer da mulher. Considerava-se que a familiaridade excessiva entre os pares provocava desprezo. A nudez, por exemplo, era evitada a todo custo, mesmo entre casados. (Del Priore, 2006, p. 43)

Freud fundamentou as suas hipóteses sobre as atitudes adotadas pela civilização diante do nu na própria evolução da espécie. No momento em que o Homem adotou a postura ereta, os órgãos sexuais ficaram mais visíveis e consequentemente aumentou a necessidade de protegê-los e a vergonha em face de sua maior exposição. Além do mais, com a alteração da postura, o sentido do olfato tornou-se menos marcante e a visão assumiu posição majoritária.

A própria diminuição dos estímulos olfativos parece ser consequência de o homem ter-se erguido do chão, de sua adoção de uma postura ereta; isso tornou seus órgãos genitais, anteriormente ocultos, visíveis e necessi-

tados de proteção, provocando desse modo sentimentos de vergonha nele. (Freud, 1997, p. 54)

Marcuse aprofunda a discussão em relação ao ponto de vista freudiano, afirmando que os sentidos de contiguidade – cheirar e saborear – por se aproximarem mais diretamente do sexo e darem vazão às pulsões mais primitivas, necessitaram de uma gradativa substituição pelo prazer em ver que representa uma forma mais sublimada de prazer sexual e portanto mais compatível com os ideais culturais.

O prazer de cheirar e saborear, segundo uma citação de Shachtel feita por Marcuse em *Eros e Civilização*, é:

de uma natureza muito mais corporal, mais física, logo também muito mais aparentado ao prazer sexual do que o prazer mais sublime suscitado por um som ou ao menos corporal de todos os prazeres, a visão de algo belo. (Marcuse, 1999, p. 54)

As pulsões relacionadas ao olhar pelo que se pode depreender da concepção de Marcuse já estão estimuladas no âmago do processo de formação da civilização, por se afastarem da satisfação sexual mais intensa relacionada aos contatos corporais.

No entanto, para que essas pulsões pudessem se expressar no meio social, os objetos de investimento libidinal precisaram ser transformados e às vezes até mesmo banidos. Em grande parte da história da civilização, a nudez corporal foi proibida como objeto de desejo quer nos relacionamentos pessoais quer na esfera da própria arte.

Conforme menciona a historiadora Melchior-Bonnet, a obra o *Juízo Final* de Michelangelo que retratava a nudez dos personagens presentes na pintura causou grande repulsa por parte de Igreja que chegou a considerar esse artista “o inventor da imundície”. Em 1558, apesar de o consentimento anterior do papa Paulo III, o papa Paulo IV mandou o pintor Volterra cobrir toda a nudez apresentada na pintura. “Em breve, retoques e panos ocultavam implacavelmente os centímetros quadrados de pele despida julgados impudicos. Pouco mais tarde, Pio V mandaria retirar do Vaticano as estátuas pagãs”. (Melchior-Bonnet, 2006, p. 39).

A nudez mesmo quando não foi pintada com o intuito de provocar excitação sexual, acabou sendo relegada à esfera da arte profana. Consequentemente, a distinção entre arte sacra e profana se acentuou. A nudez, por si só, foi considerada pela Igreja como capaz de causar excitação e perverter os “bons costumes”

Foi durante a última sessão do Concílio de Trento, em dezembro de 1563, que se debateu a arte sacra. Os termos do decreto foram suficientemente

vagos para não suscitar comoção. “Convém evitar toda indecência, de modo que as imagens não sejam pintadas nem ornamentadas de uma beleza que incite os apetites da carne.” (Melchior-Bonnet, 2006, p. 39)

De maneira mais forte que o controle da nudez na arte, foi a dominação do nu nas relações pessoais e sociais. A ocultação do corpo por meio das mais variadas vestimentas criadas ao longo da história não reduziu o desejo de ver e exibir, mas deslocou o foco dessas pulsões para aquilo que esconde o corpo. A roupa constituiu-se e se constituiu como um importante elemento no processo de sedução e de investimento libidinal.

A contradição apresenta-se no fato de ao reprimir a nudez por meio do uso obrigatório de vestes, a cultura proporcionou uma erotização das roupas que se tornaram um prolongamento das partes íntimas dos indivíduos. A proibição da nudez não restringiu totalmente o prazer sexual. Ao reprimir e controlar o sexo, a cultura abriu outros espaços para a atuação das pulsões voyeur e exibicionista.

A roupa estimulou a imaginação humana ao acrescentar uma aura de mistério, encanto e sedução à nudez, e se tornou uma importante conquista da civilização. Além de proteger o homem do frio, da chuva e do vento, ela representa a ambivalência da cultura frente ao sexo, pois ao mesmo tempo que o proíbe, abre espaço para sua estimulação.

O desejo de ver o que as vestes escondem incita de muitas maneiras a imaginação dos indivíduos. As roupas fazem parte do contexto em que as diversas formas de pré-prazeres atuam para intensificar o prazer genital. Assim como os beijos e carícias, a roupa assume a função prévia de estimular o ato sexual.

Provavelmente, poder-se-ia usufruir de uma maior liberdade sem a obrigatoriedade do uso de roupas, porém, perderia-se a dimensão sedutora que as vestes nos apresenta, justamente por elas impedirem a apresentação do corpo nu como um mero elemento do cotidiano.

A roupa é natureza transformada tanto pelas mãos dos homens como pelas engrenagens das máquinas. Liberdade de escolha para embelezar o corpo e cativa da moda. Instrumento de controle social e de transgressão dos costumes.

Não podemos nos esquecer de outras funções da roupa, relacionadas com os ideais culturais de limpeza e higiene. Sem dúvida, a roupa foi um importante utensílio para evitar que os homens adquirissem algumas doenças decorrentes do próprio desenvolvimento da civilização que em muitos aspectos tornou o seu corpo mais frágil e com maior necessidade da proteção.